



Disputas pela cidade a partir do Streaming*: Unbreakable Kimmy Schmidt e o Retrato da Gentrificação

Carolina G. C. Carmo, UNICAMP, Brasil
carolinagcdocarmo@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE:

Gentrificação; cidades; seriado.

RESUMO

As cidades são, de maneira sintética, produtos de disputas constantes entre agentes de diferentes e múltiplas esferas, sendo que, como possível resultado dessas dinâmicas, podemos nos deparar com os casos de gentrificação – consequência de requalificações ou transformações urbanas que leva a expulsão de determinada população da área para o recebimento de um novo grupo de moradores, normalmente de classes mais altas. O artigo se propõe a debater esse processo de gentrificação relatado a partir do seriado produzido pela Netflix, Unbreakable Kimmy Schmidt, que possui, como um dos planos de fundo da sua narrativa, uma discussão sobre essa dinâmica gentrificadora em um recorte de Nova York. É perceptível que, nas discussões do seriado, o conceito de gentrificação é estabelecido de forma a facilitar a compreensão do público e passa a fazer parte da vida dos personagens da série, além de que durante as temporadas, observamos estratégias (formais e informais) para que a população possa participar de maneira mais contundente dos processos que podem resultar na gentrificação, fazendo com que, na nossa compreensão, a série possa ser considerada como uma ferramenta interessante para disseminar a discussão, em âmbito popular, sobre uma temática urbanística de grande importância e ainda vigente no período urbano contemporâneo.

*Streaming é uma forma de distribuição de dados, geralmente de multimídia, através de pacotes, pela Internet. Em streaming, as informações não são armazenadas pelo usuário em seu próprio HD, pois a transmissão dos dados se dá durante a reprodução para o usuário, que precisa estar online. (CASTELLANO; MEIMARIDIS, 2016)

Introdução

O espaço urbano é resultado de articulações dos elementos de produção, gestão, consumo, distribuição e circulação, estando diretamente ligados às dinâmicas globais contemporâneas, sendo, “simultaneamente, produto e produtor das relações sociais e econômicas”. (LAURIANO, 2013)

Diante disso, um dos muitos debates relacionados a produção do espaço urbano é sobre a gentrificação, que tem ganhado amplo espaço nos debates contemporâneos de cidade, baseado nos conceitos estudados, a partir da década de 1960, pela autora Ruth Glass, onde a mesma utilizou da expressão para descrever um processo iniciado em 1950 no centro de Londres, onde residenciais tradicionalmente designadas para trabalhadores passaram por uma transformação para abrigar uma classe média com poder aquisitivo mais elevado.

Desde então, diversos autores passaram a utilizar o conceito como recorte temático e de estudo para analisar as mudanças da cidade, a partir da multiplicação desse fenômeno, entendendo-o como um processo de complexa modificação da cidade.

A discussão sobre o conceito na academia tem sido colocado enquanto possibilidade amplamente difundida entre pesquisadores e cientistas voltados para à temática da cidade, entretanto, essas noções se mantêm limitadas ao campo da pesquisa científica, fazendo com que seu alcance seja restringido e não permeie as vivências diárias da população, também vista enquanto agentes transformadores do espaço. Assim, a aproximação desse conteúdo, através de um diálogo que se formule por uma linguagem mais popular, pode ser visto como um facilitador para popularizarmos essa discussão e, portanto, potencializarmos reflexões sobre possibilidades orgânicas baseadas nas vivências dos cidadãos.

A materialização dessa discussão, nesse trabalho, é feita através da análise da série de comédia, produzida originalmente pela plataforma de *streaming* Netflix, *Unbreakable Kimmy Schmidt*. Para isso, o trabalho foi estruturado a partir de uma introdução sobre o conceito de gentrificação, a partir da análise de alguns trabalhos desenvolvidos sobre o tema e, posteriormente, sobre a discussão da temática a partir da série citada. Os objetivos pautados por essa discussão podem ser divididos em diferentes escalas: 1) analisar, a partir do objeto estudado, como se dá a gentrificação, o impacto na vivência dos moradores, assim como os ativistas que lutam para manter as características simbólicas, econômicas e culturais de determinadas regiões são representados através da série, que tem ampla visibilidade em plataforma de streaming; 2) a disseminação do termo e da discussão da gentrificação através da popularização dessa temática e, por fim, 3) entender se as possíveis estratégias, utilizadas no programa, podem ser replicadas enquanto processos fidedignos à realidade, em busca de combater tal cenário.

Conceituação e abordagem teórica

Desde a origem do estudo sobre gentrificação, o mesmo tem sido objeto de debate e de discussão tanto em relação à delimitação do conceito quanto a sua metodologia de análise. (BATALLER, 2012) Visto que o conceito perpassa, de maneira não evidente, por diversas pesquisas e é abordado como base teórica para diversas outras, tais trabalhos nem sempre discutem, conceitualmente, o significado e/ou origem do termo gentrificação, entretanto, o mesmo foi e é abordado por outros autores, que buscam definir e, não raramente, atualizar a aplicação do conceito dentro de territórios específicos. Nossa ideia, a princípio, é dar um breve panorama sobre o uso e definição do termo, para contextualizar a discussão acerca do objeto de estudo.

À medida em que se aprofunda seu estudo, o conceito é aperfeiçoado, sendo identificadas múltiplas manifestações do processo derivadas das características que ele adquire em cada contexto urbano segundo as vicissitudes históricas dos bairros afetados. A gentrificação está profundamente enraizada na dinâmica social e econômica das cidades e, em grande parte, está determinada pelo contexto local: os bairros, os agentes e atores urbanos, as funções dominantes da cidade e a política governamental local. (BATALLER, 2012)

A literatura brasileira tem aprofundado, recentemente, suas pesquisas sobre o fenômeno¹, mas mesmo nessas discussões, ainda nos embasamos em autores internacionais e assumimos sua grande influência sob nossas pesquisas. Esse fenômeno, entretanto, continua sendo foco de numerosos estudos na América do Norte e Europa, já desde às últimas décadas. (GEVEHR; BERTI, 2017)

O termo gentrificação é atribuído originalmente à socióloga Ruth Glass, que em 1964 utilizou a expressão para descrever um processo iniciado em 1950 no centro de Londres, quando algumas áreas residenciais deterioradas, tradicionalmente ocupadas por operários, estavam sendo transformadas em áreas residenciais para grupos de status socioeconômico mais elevado (FURTADO, 2011).

Furtado (2011) aborda que, as áreas centrais de grandes cidades da Europa e dos Estados Unidos, eram mais caras e densas, portanto, até o final da década de 1950, estas cidades presenciaram a descentralização de empresas/indústrias. Esse abandono, ainda segundo o autor, estimulou a suburbanização de famílias de classes mais altas, criando assim, um cenário onde o centro passou por uma deterioração, facilitando a ocupação dessa área por famílias de menor renda. “Diante de uma área em decadência, os proprietários restringiram todos os investimentos em manutenção e melhorias [...], objetivando explorar a propriedade ao máximo” (FURTADO, 2011).

¹ Vide a atual organização do Seminário Internacional Gentrificação: Medir, Prevenir, Enfrentar, que ocorreu no mês de dezembro de 2018, com o objetivo de qualificar e quantificar a gentrificação, e o desafio de superar a simples enunciação do problema, assim como pensar em estratégias de ação destinadas a estancar, prevenir ou a reverter tais processos nas cidades brasileiras. Resumos disponíveis em: http://outrosurbanismos.fau.usp.br/wp-content/uploads/sites/165/2018/09/Caderno-de-resumo_DIGITAL.pdf. Acesso em 23 de janeiro de 2019.

Gevehr e Berti (2017) traz a questão de que, mesmo que o termo tenha sido culminado por Ruth Glass, o processo se consolidou a partir da análise de um dos grandes pesquisadores que aborda gentrificação, baseado nas teorias do geógrafo David Harvey, Neil Smith, na década de 1970. O mesmo apresenta o ponto que considera essencial nos processos de gentrificação: não envolve exclusivamente mudanças sociais mas também mudanças físicas, acarretando características higienistas e reabilitando as áreas para que a classe média possa passar a habitá-las, estando, isto, ligado à especulação imobiliária.

O desenvolvimento imobiliário urbano – a gentrificação em sentido amplo – tornou-se agora um motor central da expansão econômica da cidade, um setor central da economia urbana. No contexto de um mundo recentemente globalizado, a “regeneração urbana” representa uma estratégia central na competição entre as diferentes aglomerações urbanas. Assim como na globalização, estamos em presença de uma espécie de anônima lógica econômica, e a oposição a tal transformação global e urbana terá um papel crucial na orientação que tomarão os novos espaços. (SMITH, 2006, p. 85)

Para Hamnett (1996 *apud* MOURAD; FIGUEIREDO; BALTRUSIS, 2014), corroborando com Smith, a gentrificação é um fenômeno que envolve vários fatores, como físico, econômico, social ou cultural, sendo que incide não apenas em uma transformação social, mas também em uma alteração física do estoque de moradias, na escala de bairros, sendo assim, uma transformação econômica sobre o mercado imobiliário.

[...] um processo de transformação da composição social dos residentes de um bairro, mais precisamente da substituição de camadas populares por camadas médias assalariadas; e se constitui em um processo de natureza múltipla: de investimento, de reabilitação e de apropriação, por essas camadas sociais, de um estoque de moradias e de bairros operários ou populares. (HAMNETT, 1996, p. 55)

Na década de 1970, surgiram em grande quantidade projetos de renovação urbana, que visavam conter a expansão periféricas das cidades, criando um movimento de retorno ao centro, resultando em uma volta e intensificação em melhorias na área (até então diminuídas pelos proprietários da área de acordo com o tipo de moradores da área), um aumento do uso do solo e, consequentemente, um crescimento no preço da terra da área central. “No entanto, as renovações também resultaram em expulsão de seus ocupantes de baixa renda”. (GEVEHR; BERTI, 2017)

Na sua concepção original, a teoria da gentrificação explora, portanto, o movimento do capital (e, consequentemente, das pessoas), deixando, primeiramente, os bairros centrais em direção ao subúrbio e, posteriormente, retornando à área, extraindo mais-valia das áreas que sofreram desinvestimento ao longo do tempo. (SIQUEIRA, 2014). O capital, público e privado, passou a ser desviado para subúrbios, visto que eram as maiores possibilidades de lucrar sobre a terra. (SMITH, 1996). Existe, assim, um padrão de “desinvestimento” que fez com que o processo de gentrificação seja possível, fazendo com que as elites econômicas e sociais seja a grande beneficiária desse movimento, enquanto os custos e consequenciais recaem nos grupos mais vulneráveis (SIQUEIRA, 2014), sendo um deles, o deslocamento e mudanças de territórios geográficos.

O deslocamento pode ocorrer sob diversas formas: através da reabilitação das moradias ocupadas por grupos populares, reclassificadas como residências de alto nível; o abandono involuntário do bairro por parte de habitantes com rendimentos limitados (famílias numerosas, anciãos etc.) que não podem pagar os crescentes impostos sobre a propriedade (fruto da política governamental local); a impossibilidade por parte de jovens emancipados, originários do bairro, de custear suas moradias no mesmo; a emigração de residentes pela desaparecimento de instituições sociais, econômicas e religiosas — além, inclusive, pela perda de amizades no bairro. (BATALLER, 2012)

Davidson e Lees (2009) colocam, por sua vez, que também é importante transcender a análise da circunstância espacial e observar também as condições sentimentais, como a perda do sentimento de pertencimento e a negligência sentida por parte de uma instituição provedora, que estão diretamente associadas ao deslocamento.

Além das consequências como deslocamentos e seus desdobramentos, outras, oriundas do processo de gentrificação, são percebidas no mercado de moradia, com o aumento significativo do preço da propriedade renovada (e até mesmo da não-renovada em algum projeto de requalificação), redução das taxas de ocupação das moradias e da densidade populacional, transformação da modalidade de ocupação por aluguéis pela ocupação por propriedade, entre outros. (BATALLER, 2012). Além disso, a autora ainda afirma que, é importante destacar o enorme peso, não só do setor privado – empresários, empreendedores, entidades financeiras, como do setor público, que facilitam ou promovem diretamente a gentrificação, buscando sempre a requalificação total de centros urbanos.

Tendo essas tensões como ponto de convergência, entendemos que os processos de gentrificação devam ser interpretados de acordo com as especificidades locais, compreendendo sua dinâmica de acordo com as demandas do desenvolvimento da produção e do consumo capitalista. (GEVEHR; BERTI, 2017)

Analisando criticamente a literatura sobre gentrificação, é possível perceber que o conceito é dinâmico e admite diversas características de acordo com o contexto em que se insere. Dessa forma, é sempre importante, quando estudamos descrições de casos particulares de processos de gentrificação, entender o contexto de cada território urbano dentro de um quadro de desenvolvimento de um regime de acumulações, visto que, a cidade, lócus de transformações relacionadas à gentrificação, é resultado de produção e acumulação de capital. (LAURIANO, 2013).

Visto que nosso objeto de estudo se configura como a cidade de Nova York, cenário onde se passa a série analisada, é importante, dessa forma contextualizar, mesmo que brevemente, como o caso dessa cidade se configura em sua própria lógica da gentrificação. O caso da cidade é tratado como um exemplo específico e, de acordo com Smith (2006), apresenta três fases do processo.

A primeira fase recebe a denominação de gentrificação esporádica e ocorre antes da década de 70 e a crise financeira americana, sendo que, como em Londres, essa primeira fase ocorreu de maneira isolada e esporádica, não havendo investimentos consideráveis originários das ins-

tituições financeiras. A reabilitação das construções que estavam degradadas, já haviam sido realizadas anteriormente, em outros períodos, o que atraiu uma chegada de habitantes de classes mais altas.

A segunda fase acontece entre o fim dos anos 70 e começo dos anos 80, consolidando o processo de gentrificação pós-crise econômica. Havendo um desinvestimento nos centros, como parte do processo já explicitado anteriormente, houve uma diminuição nos preços dos imóveis, influenciando uma grande venda desses espaços. Já no início dos anos 80, o capital retorna a esse setor e os investimentos, portanto, recomeçam a atrair novas parcerias e principalmente novos programas de reabilitação de unidades habitacionais.

Diferentemente da primeira fase, o segundo momento da gentrificação de Nova York se consolida como algo mais amplo e mais generalizado, sendo que o mesmo se colocou como elemento de reestruturação e reformulação econômica e social do espaço urbano. (Smith, 2006)

A segunda onda tem a participação dos agentes imobiliários, mais avessos ao risco, em acordo com planos de incentivos públicos, contando com financiamentos e facilidades, encontram nos bairros centrais condições ótimas para auferir lucros, devido à depreciação dos preços em uma região com farta infraestrutura pré-existente. Nesta etapa os agentes imobiliários tornam-se os principais propulsores do fenômeno, financiados pelo sistema financeiro que tem interesse no potencial lucro que as áreas degradadas gerarão com os planos de reinvestimentos executados pelo poder público. (LAURIANO, 2013)

Entre o segundo e terceiro momento da gentrificação, aparentemente, há uma diminuição brusca no mercado imobiliário, havendo, portanto, uma onda de estagna, mesmo que durante um curto período de tempo, o processo. Surgem, também, nesse segundo momento, os movimentos anti-gentrificação na cidade.

Já na terceira fase, que ocorre no início dos anos 1990, a mesma se caracterizará como generalizada. O processo é retomado no meio da mesma década, passando a acontecer em todo o centro da cidade, deixando de ocorrer apenas nas unidades habitacionais, mas avançando também nos edifícios de equipamentos de serviço, comércio, cultura e lazer, gerando uma nova paisagem urbana.

A gentrificação produz agora paisagens urbanas que as classes médias e médias altas podem consumir e que contribuem para a formação de identidades de classe através de um espectro de classes significativo, ainda que de maneiras muito diferenciadas. (SMITH, 2006, p.73)

Para Smith (2006), o processo de gentrificação da cidade de Nova York deixa de ser uma especificidade local e passa a ser considerada uma estratégia urbana, podendo ser melhor compreendido se analisado a partir de características que o autor coloca como interligadas para a geração desse cenário: o novo papel do Estado (que passa a ter uma forte mudança entre as décadas de 80, onde havia uma significativa atuação do mesmo, para a década de 90, onde

surgem, com força total, as parcerias com capitais privados); a forte penetração do capital na dinâmica urbana; a dispersão populacional em relação ao território e a generalização dos processos de gentrificação, antes isolados.

Dessa forma, a difusão desses acontecimentos para além das áreas centrais, chegando em novos recortes da cidade onde haviam construções antigas ainda não “reabilitadas”, passa a ser a grande característica da terceira fase do processo de gentrificação na cidade de Nova York.

Abordagem da gentrificação na perspectiva de *Unbreakable Kimmy Schmidt*

Castellano e Meimaridis (2016) afirmam que, os últimos anos têm sido marcados por um aumento considerado de séries, a partir de canais televisivos abertos, fechados e serviços de streamings, todos responsáveis por essa produtividade única na televisão americana. Dentre esses serviços, a Netflix tem se consolidado como uma das principais produtoras audiovisuais, se promovendo como um novo modelo produtor de ficção seriada. De acordo com os autores, a mesma surgiu em 1997 como um serviço de aluguel de fitas e DVD's mas que, em 2007, passou a migrar para o serviço em plataforma online e, posteriormente, em 2010, a atuação da empresa focou em atuar na disponibilização de conteúdo online, com oferta de filmes, séries e outros serviços audiovisuais, passando a ser a maior provedora no ramo. (XUE, 2014)

Part of Netflix's success can be attributed to its focus on what customers care most about: content. When Netflix began as a DVD rental business, it entered into contracts with media companies for quality content. It has since amassed a large content library and partnered with various content providers. (XUE, 2014)

A partir de 2014, a produtora começou a criar conteúdo original exclusivo que alcançaram o gosto popular (dos usuários com acesso à plataforma), como é o caso da série *House of Cards* (2013 - 2018), *Orange is the New Black* (2013 - atualmente) e *Jessica Jones* (2015 - atualmente). A série analisada nesse artigo também se insere nesse rol de produções originais da Netflix.

Uma das características relevantes colocada por Silva (2018) é de que a plataforma proporciona, a partir de alguma das suas produções, é dar visibilidade a alguns grupos minoritários, com a inserção de temas ainda considerados polêmicos pela sociedade, como é o caso das relações homoafetivas (abordadas na série *Sense8*), o racismo presente e constante (abordado no seriado *Dear White People*), aborto (tratado no seriado *Glow*), suicídio adolescente (tema central da série *13 Reasons Why*), entre outros. Portanto, o autor afirma que é possível pensar nesse espaço como um território de desterritorialização da indústria cultural, com a formação de uma situação em que o lucro da empresa e padronização dos produtos audiovisuais seja sutilmente alterado mediante características mais imprevisíveis e reflexivas acerca de temas atuais. Entendemos, então, que a temática que permeia a série *Unbreakable Kimmy Schmidt*, sobre gentrificação, pode se enquadrar nesse novo cenário em que temas contemporâneos e nem sempre acessíveis em discussões corriqueiras se coloque, de maneira inusual, no imaginário social que acessa a esse tipo de plataforma.

O enredo da série se baseia na vida da personagem principal, Kimmy Schmidt que, após ter sido feita prisioneira durante anos, por um pseudo-religioso, em um bunker com outras mulheres, volta a viver em sociedade, escolhendo Nova York como cenário para traçar seus novos rumos. A série chegará ao final com sua quarta temporada, mas nesse trabalho, iremos nos ater as três primeiras, que desenvolvem de maneira significativa a evolução política do programa.

Em Nova York, vamos conhecer os demais personagens corriqueiros da série que, aos poucos, acabam roubando o protagonismo da personagem principal, a partir das suas narrativas e interpretações. Temos, assim:

- Kimmy Schmidt (Ellie Kemper), personagem principal, jovem que foi mantida, durante anos, em um bunker;
- Jacqueline Vorhess (Jane Krakowski), socialite rica que, a princípio, contrata Kimmy para cuidar de seus filhos;
- Titus Andromedon (Tituss Burgess), dançarino que aspira estrelar musicais na Broadway, que mora em um imóvel alugado e virá a dividi-lo com Kimmy;
- Lilian Kaushtupper (Carol Kane), inquilina de Titus e Kimmy.

A série, como diversas outras, acontece em Nova York, tornando a cidade não só um cenário, mas também um personagem em si, visto que a abordam e a contextualizam durante todas as temporadas. Nessa mesma Nova York, há indícios de que a série seja gravada, e tenha como cenário principal, o Brooklyn².

Poderíamos abordar, desde o início, as várias relações tidas entre as personagens como críticas sociais mascaradas pela comédia, como é o caso da relação entre Jacqueline e Kimmy. Jacqueline é uma mulher casada, mãe de dois filhos (sendo um deles do primeiro casamento do marido), que depende constantemente dos cuidados de terceiros para com sua família e até consigo mesma. Jacqueline, portanto, é a personificação da elite dentro da série, tratada de maneira irreverente, mas que podemos observar como crítica ácida a tal comportamento. Essas relações entre elite e proletariado, tanto na série como na vida real, são construídas a partir de muito preconceito por parte da socialite quanto à “pobreza” e “ignorância” dessas pessoas, características essas ignoradas (com muito humor) por Kimmy exatamente por não ter vivido ainda as relações contemporâneas, fortemente pautadas pelo poder financeiro.

Observamos, já nesse primeiro momento, como a série pode ser analisada sob um teor político e crítico, mesmo que enquadrada na categoria de humor, estabelecendo crítica às diversas realidades sociais, políticas e também urbanas. Entretanto, como nos propomos aqui a abordar a gentrificação dentro da série, a personagem que vai abordar, de maneira mais contundente, sobre tal temática, é Lilian, a senhoria de Titus e Kimmy.

² De acordo com Watt (2016), foram vistos diversos atores da série na região do Brooklyn, durante as filmagens da segunda temporada. A fachada do imóvel onde Kimmy e Titus moram, está localizada na Rua Freeman, no mesmo bairro.

Lilian é uma senhora muito ativa, política e comunitariamente dentro do bairro, que passou sua vida em Nova York, observando as falhas da gestão pública, tornando a região onde mora, “menosprezada” perante à cidade, o que de certa forma, é tanto agradável como saudosista para ela, que construiu, ao longo da vida, diversas memórias e simbologias nessa vizinhança. Para ela, o quanto mais a vizinhança passar despercebida pela gestão e pelos investimentos (públicos e privados), mais seguros estarão os moradores. Nela, percebemos já nos primeiros momentos da primeira temporada, seu ideal em relação à permanência dos moradores no bairro, visto que Titus, seu primeiro inquilino, não tem dinheiro para pagar o aluguel do imóvel onde mora (localizado abaixo da casa de Lilian). Como forma de resolver a situação, ao invés de expulsá-lo, Lilian começa a buscar um novo inquilino para dividir o imóvel e, assim, compensar a ausência de pagamento, encontrando Kimmy para ser a nova moradora. Percebemos que essa insegurança quanto a uma possível expulsão de seu bairro é legítima, visto que Furtado (2014) coloca que a gentrificação resulta, de alguma forma, direta ou indiretamente, o deslocamento da classe trabalhadora.

Posteriormente, ao longo da temporada, vemos uma evolução da personagem Lilian e suas críticas em relação as mudanças que estão ocorrendo no bairro. A mesma usa de pequenas melhorias, porém consideráveis e concretas (como a venda de iogurte grego e carne dentro do prazo de validade, uma novidade na região) como forma de provar essas sutis mudanças e de temer que, logo, o bairro começará a ser muito visado pelos *hipsters*³, turistas e, consequentemente, investidores. Entretanto, é a partir da segunda temporada, que essa politização de Lilian vem à tona, juntamente com maior espaço, dentro da série, para essa discussão.



Figura 1: Episódio 4, Primeira Temporada. Lilian: “Vou dizer o que é loucura. Nosso armazém está vendendo iogurte grego, água mineral e carne dentro da validade. Para quem?” Fonte: Netflix Inc.

Lees et al (2008) coloca que a gentrificação está diretamente ligada a processos violentos de transformação dos centros urbanos, onde muitos deles acabam se convertendo em “playgrounds burgueses”, repletos de restaurantes, mercados, boutiques e outros estabelecimentos voltados para o alto padrão. Essa realidade é retratada no terceiro episódio da segunda temporada, (“Kimmy Goes to a Play”), onde Lilian começa chutando uma placa, que anuncia a abertura de um espaço de artes cênicas na vizinhança onde mora, serviço esse inexistente em outros momentos.

³ Hipster é uma palavra comumente usada para descrever um grupo de pessoas que costumam reinventar modas e costumes, determinando padrões alternativos de tendências.

Gevehr e Berti (2017) colocam que, por mais que o conceito de gentrificação tenha sido reformulado, ao longo dos anos, e perdeu sua natureza totalmente negativa e classista, a partir de estudos que sugerem que a gentrificação deixou de implicar necessariamente na expulsão da classe popular das áreas e traz benefícios aos residentes, como nos estudos de Lance Freeman (2006), os autores concluem que os benefícios continuam sendo das classes mais favorecidas economicamente e não chegam, necessariamente, para usufruto das classes mais populares.



Figura 2: Episódio 3, Segunda Temporada. Fala Lilian: "Um espaço para espetáculo? O bairro está mudando e nenhum de nós vai poder continuar morando aqui." Fonte: Netflix Inc.

É interessante observarmos que Lilian, enquanto personagem politizado da série, já tem em suas preocupações uma transformação futura mesmo enquanto ainda não há impactos diretos sobre os moradores. Titus, por exemplo, irá se debruçar mais sobre os embates com processo de transformação no bairro apenas quando suas próprias memórias e simbologias são afetadas (nesse caso, a loja onde ele e Lilian se conheceram).

Ainda sobre a segunda temporada, é importante focarmos como Lilian utiliza dos recursos que conhece como forma de protestar contra o processo que ela defrontou desde o início da série: a partir de manifestações, a princípio, individuais e solitárias. Protestos em frente a um novo café, protestos em uma obra, onde a mesma se algema a uma escavadeira para tentar barrar o andamento da mesma.



Figura 3: Episódio 10, Segunda Temporada. Fala Lilian: "Eles acham que vão construir condomínios aqui. Isso é o que veremos" Fonte: Netflix Inc.

Essas ações, mesmo quando vistas em uma série de comédia, assim como organizada por um único elemento, pode causar uma reflexão, mesmo que imbricada no subconsciente dos espectadores. Dessa forma, começamos a enxergar que, mesmo indiretamente, o show acaba garantindo uma mensagem a ser entregue, sobre como participação popular e o processo emancipatório tem sua relevância na dinâmica de transformação da cidade (a ponto de fazer parte de um enredo de uma série), mesmo que mascarada pela comédia e por toda a peculiaridade do programa.

Aqui, dialogamos esse movimento reivindicatório de Lilian com as definições de Castells (1983) sobre lutas urbanas, que nada mais são do que práticas reivindicatórias que tentam barrar as alterações estruturadas pelo capitalismo. Nessa disputa, entre lucro das grandes empresas *versus* sobrevivência dos moradores, o poder ainda se mantém na mão de poucos, mas tais embates e resistências oferecem pequenas chaves para mudanças possivelmente substanciais nas relações firmadas no espaço urbano. "Apesar da sua fraca capacidade de mobilização, do seu carácter limitado e fugaz, a verdade é que não raras vezes os novos movimentos sociais urbanos comportam inovação social e política, encetada por vanguardas poderosas". (MENDES, 2012)



Figura 4: Episódio 13, Segunda Temporada. Fala Lilian: “Tentei tudo em que pude pensar para manter esse bairro estranho e perigoso.” Fala Representante ISUS (Incorporação da Sociedade de Urbanizações Supérfluas): “Srta. Kaush-tupper, já pensou em se candidatar à prefeitura?” Fonte: Netflix Inc.

É a partir de ações que Lilian, no final da segunda temporada, passa a ser notada por uma organização que se dedica a barrar as transformações brutais em locais históricos de Nova York, resultadas da especulação e investimentos imobiliários, os quais a convidam para representar a organização dentro das discussões da prefeitura⁴ sobre o desenvolvimento imobiliário. A continuidade desse arco⁵ se dará na terceira temporada, em que vemos uma mudança, não só da participação de Lilian, mas também dos cenários e dos meios que se insere. Até então, estamos vendo uma abordagem da gentrificação a partir de uma esfera mais sutil, conseguindo passar a mensagem de que melhorias urbanas podem gerar aumento dos aluguéis e, conseqüentemente, deslocamento dos moradores. Passamos a ver, a partir da terceira temporada, um aspecto mais político e operacional da gestão em relação à esse processo.

A terceira temporada começa com embates cada vez mais ferrenhos entre os personagens. Enquanto Lilian decide concorrer ao conselho municipal para barrar as melhorias que, de fato, estão acontecendo na região, assim como as grandes obras imobiliárias, Jacqueline, a personificação da burguesia, anuncia que irá lutar pela melhoria da infra-estrutura na região. Importante frisar que essa decisão de Jacqueline não está vinculada diretamente a uma melhoria urbana que a mesma acredita imprescindível ou que irá beneficiar um grupo com o qual ela simpatiza com as lutas; é apenas uma causa que lhe pareceu conveniente defender, por conta de todas as angústias e posicionamentos (nenhuma delas vinculadas diretamente a problemática do espaço urbano), desenvolvidas durante o arco da sua personagem.

⁴ O termo utilizado na série é “District Council”, uma espécie de representante político oficial do distrito (no caso, o Brooklyn). Aqui, traduziremos livremente o termo para Conselho Municipal.

⁵ Nome dado para o processo que envolve as mudanças e/ou alterações da personalidade ou contexto do personagem ao longo da história.



Figura 5: Episódio 2, Terceira Temporada. Fala Lilian: “É exatamente por isso que me candidatei a vereadora. Para evitar que brancos ricos idiotas venham ao nosso bairro e o “consertem” para que os nova-iorquinos como nós não tenham mais condições de morar aqui”. Fonte: Netflix Inc.

Lilian consegue ser eleita para o conselho municipal, apesar do baixo número de eleitores, e toma como seu primeiro trabalho lutar contra a expansão do chamado “Big Naturals” – uma rede de alimentos frescos e orgânicos, cujo proprietário quer implantar uma nova filial no bairro. Mesmo não conseguindo impedir a votação majoritária para aprovação do mesmo, percebemos, nesse novo engajamento da personagem, um viés muito mais institucionalizado e dialógico com outras esferas que não só a popular, ferramental único que Lilian tinha nas temporadas anteriores.

A pedido do proprietário da rede, passa a ser, então, a representante da comunidade que acompanhará a aprovação e construção do Big Naturals, sendo que todas as tomadas de decisão deverão ser corroboradas por ela, deixando claro que se fortalecerá enquanto oposição em todos os momentos, ainda tentando impedir sua implantação. Aqui, cabe ressaltar, que esse convite feito pelo proprietário é motivado por uma afeição (mútua)⁶, fazendo com que esse cenário, de continuada participação nas tomadas de decisões, se torne muito menos factível na vida real, mas ainda assim, não minimiza a postura sempre combatível de Lilian.

⁶ Ainda na terceira temporada, ele e Lilian terão um relacionamento amoroso.



Figura 6: Episódio 4, Terceira Temporada. Fala Lillian: "Não aguento mais esses ricos idiotas vindo aqui e falando o que nós "precisamos". Fonte: Netflix Inc.

Ao primeiro sinal de necessidade, Lillian e Titus começam a perceber os impactos da instalação do Big Naturals no bairro, como o fechamento de um dos comércios tradicionais do bairro. Ao mesmo tempo, Lillian percebe que, assim como a abertura da loja acarreta em problemas, ela também traz consigo algumas questões positivas para o entorno que, como visto anteriormente, possui diversos déficits em investimento, tanto em infraestrutura mas também em itens para qualidade de vida.

Em um diálogo travado entre Lillian e Artie Goodman, dono da Big Naturals, que os encontra em um dos estabelecimentos da rede, ela percebe que o objetivo dele é trazer investimentos para a qualidade de vida dos moradores locais e não necessariamente para especular em cima dessa região. Nessa perspectiva, Lillian começa a perceber que o que ela considerava, até então, características positivas do bairro, tornando-o menos interessante para os investidores, como a falta de transporte público, equipamentos de saúde, rede de abastecimento de água, também são fatores prejudiciais à população. Essa compreensão de que, pode haver um equilíbrio entre os novos moradores e os moradores existentes, a partir de uma estabilidade desses últimos, propiciada pelo Estado, encerra a trajetória de Lillian nessa luta dentro da série, permitindo novos desdobramentos da personagem em novos núcleos do programa.

É importante ressaltar que, conforme Furtado (2014), não necessariamente há o estabelecimento de tendências irreversíveis relacionadas à exclusão da classe trabalhadora de determinada área. A possível manutenção dessas classes em seus locais de origem, próximas à novos aglomerados de pessoas de mais alta renda, podem ter interesses subentendidos, a partir da funcionalidade da exploração das camadas mais baixas pelas camadas mais altas, entretanto, não podemos afirmar, a princípio, essa relação dentro da série.

Considerações Finais

A proposta desse artigo foi iniciar um debate referente à disseminação de conceitos técnicos (no caso, urbanísticos) a partir de linguagens não-tradicionais de fazê-lo, como é o caso das ferramentas audiovisuais.

É possível perceber que, nas discussões do seriado, a gentrificação (que passa a ser abordada cada vez mais com o passar dos episódios e, posteriormente, temporadas) dialoga com a possibilidade de compreensão do público e passa a fazer parte da vida das outras personagens da série, além de que apresenta estratégias (formais e informais) da personagem Lillian, principal ativista dentre as principais, para participar das tomadas de decisões de seu bairro, buscando evitar a expulsão da população moradora.

É importante ressaltar que o conceito de gentrificação não é explicado de maneira explícita e didática ao longo dos episódios, entretanto, a partir das vivências da personagem Lillian, assim como suas explanações e exemplificações, é possível entender, mesmo que de maneira simplificada, esse processo e suas consequências.

Em relação aos movimentos de resistência existentes na série, eles não fazem parte do cotidiano representado pela elite (como Jacqueline), visto que esse é um processo que não a afeta diretamente, portanto, não faz parte de nenhuma de suas pautas principais ao longo da série. Essa discussão pode ser transportada para a vida real, onde os principais ativistas contra a gentrificação estão localizados no cerne dessa questão, em um embate direto, sendo que a elite se mantém alheia à situação, por não enfrentar diretamente tais ameaças. O enfoque que o seriado passou a dar, na terceira temporada, à questão política da gentrificação também é relevante; tais discussões e aprofundamentos dão à série um posicionamento crítico necessário e contundente referente a política e a produção de cidade.

Como ferramental de resistência concreta em relação à gentrificação, vemos a participação de Lillian dentro da esfera política, passando a ter maior voz do que enquanto elemento individual. Isso não invalida, necessariamente, os movimentos feitos pelas pessoas ainda não articuladas politicamente, entretanto, Mendes (2012) coloca que, para se opor aos poderes hegemônicos e ofensivos neoliberais que veem transformando o meio urbano de maneira mais consistente, é sim necessária uma representação institucionalizada da sociedade, para ampliar a base de participação e mobilização.

Assim, entendemos que encontrarmos um seriado de amplo acesso (considerando a disseminação da Netflix na atualidade, dentro das camadas sociais que tem acesso à ferramenta) que dialoga com as complexidades da realidade urbana mundial, destacando, entre sua narrativa principal, as nuances enfrentadas na vida real e a forma que essa dinâmica de expulsão das pessoas passa a ser uma temática encarada por todos do seriado— mesmo que de maneira cômica, se apresenta enquanto um material de extremo valor para nortear a discussão do conceito a partir de um olhar popular e não-técnico.

É importante dizer que a gentrificação, mesmo que abordada em um programa permeado pela comédia, não pode deixar de ser vista como uma ameaça real a muitas pessoas, em diversos países, mas *Unbreakable Kimmy Schmidt* nos apresenta um cenário em que, 1) com determinados apoios e incentivos sociais e políticos, assim como 2) com a disseminação dessa temática, esclarecendo o processo e espalhando esse conhecimento, nos tornamos, progressivamente, cada vez mais capacitados para combater essas mudanças drásticas, a partir das alianças políticas, da conscientização popular e até mesmo das lutas e resistências diárias.

Referências Bibliográficas

- BATALLER, Maria Alba Sargatal. O Estudo da Gentrificação. Revista Continentes (UFRRJ), ano 1, n. 1, 2012. Tradução de Maurilio Lima Botelho (UFRRJ).
- BIDOU-ZACHARIASEN, C. (ed.), De volta à cidade. Dos processos de gentrificação às políticas de “revitalização” dos centros urbanos. São Paulo: Annablume, 2006
- CASTELLANO, Mayka Castellano; MEIMARIDIS, Melina. NETFLIX, DISCURSOS DE DISTINÇÃO E OS NOVOS MODELOS DE PRODUÇÃO TELEVISIVA. contemporanea | comunicação e cultura - v.14 – n.02 – maio-ago 2016
- CASTELLS, Manuel. A Questão Urbana. [Trad. Arlene Caetano] 4. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1983.
- DAVIDSON, M.; LEES, L. New-Build Gentrification: Its Histories, Trajectories, and Critical Geographies. Population, space and place, 16: 395-411, 2009.
- FREEMAN, Lance. There Goes the 'Hood: Views of Gentrification from the Ground Up. USA: Temple University Press. 2006.
- FURTADO, Carlos Ribeiro. Intervenção do Estado e (re)estruturuação urbana. Um estudo sobre gentrificação. Cad. Metrop., São Paulo, v. 16, n. 32, pp. 341-363, nov 2014
- GEVEHR, D. L.; BERTI, F. GENTRIFICAÇÃO: uma discussão conceitual. Revista Políticas. Públicas & Cidades, v.5, n.1, p.85 – 107, jan. /Jul. 2017
- GLASS, Ruth. Introduction: aspects of change. In London: Aspects of Change, ed. Centre for Urban Studies, London: MacKibbon and Kee, xiii-xlii. 1964.
- HAMNETT, C. (1996-1997). Les aveugles et l'éléphant: l'explication de la gentrification. Strates, Matériaux pour la recherche en sciences sociales crises et mutations des territoires. In: CENTRE NATIONAL DE LA RECHERCHE SCIENTIFIQUE-CNRS, n. 9.
- LAURIANO, William. Gentrificação: Estratégias de enobrecimento do solo urbano. Dos tijolos de barro no subúrbio paulistano aos blocos de Brasília. Dissertação (mestrado). Programa de Pesquisa e Pós-graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília. 2013.
- LEES, L.; SLATER, T.; WYLY, E. Gentrification. New York and London: Routledge, 2008.
- MENDES, Luis. “Gentrificação e a Cidade Revanchista: que lugar para os Movimentos Sociais Urbanos de Resistência?”. Forum Sociológico [Online], 18 | 2008, posto online no dia 03 dezembro 2012.

MOURAD, L.; FIGUEIREDO, G. C., BALTRUSIS, N. Gentrificação no Bairro 2 de Julho, em Salvador: modos, formas e conteúdos Cad. Metrop., São Paulo, v. 16, n. 32, pp. 437-460, nov 2014.

SILVA, Tatiana Fragoso Galdino da. Netflix e suas Séries: Rompendo Com A Indústria Cultural? - 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Joinville – SC. 2018

SIQUEIRA, Marina T. Entre o fundamental e o contingente: dimensões da gentrificação contemporânea nas operações urbanas em São Paulo* Cad. Metrop., São Paulo, v. 16, n. 32, pp. 391-415, nov 2014

SMITH, Neil. A gentrificação generalizada: de uma anomalia local à “regeneração” urbana como estratégia urbana global. In: Bidou-Zachariasen, C. (ed.), De volta à cidade. Dos processos de gentrificação às políticas de “revitalização” dos centros urbanos. São Paulo: Annablume, 2006

SMITH, Neil. The new urban frontier: gentrification and the revanchist city. Nova York, Routledge. 1996.

WATT, Alexandra. Where Does 'Kimmy Schmidt' Live? The Netflix Series Shoots On The Streets Of NYC. Abril de 2016. Disponível em: <https://www.bustle.com/articles/155956-where-does-kimmy-schmidt-live-the-netflix-series-shoots-on-the-streets-of-nyc>. Acessado em fevereiro de 2019.

XUE, S. Drama in the TV industry: a study of new entrants, new services, and new consolidations. University of Washington Michael G. Foster School of Business, 2014.

